

LÚCIA PIZA FIGUEIRA DE MELLO FALKENBERG

Gilberto E. CHAUDON

Com a morte da Sra. Lúcia Piza Figueira de Mello Falkenberg, ocorrida em São Paulo a 20 de junho de 1997, morre um pouco da vida cultural de Niterói, que tinha como um dos polos significativos o SOLAR DO JAMBEIRO.

A falecida dama era a alma que durante muitos anos manteve o palacete da rua Presidente Domiciano, 195, em evidência pelos eventos artísticos e culturais que o casal Egon/Lúcia Falkenberg ali realizavam congregando a seu redor a intelectualidade e a sociedade niteroiense. Naquela residência solarenga, do final do século passado, foram realizados muitos encontros, prestigiados por personalidades de destaque no meio intelectual da cidade, autoridades municipais e diversas famílias tradicionais da sociedade local.

O magnífico casarão de São Domingos, tombado desde 1974 pelo antigo SPHAN, teve seus magníficos salões abertos à visitação pública a partir da década de 80 graças à iniciativa dos seus proprietários, o casal Egon/Lúcia, permitindo assim o conhecimento de uma das jóias arquitetônicas da cidade, construído que foi no último quartel do século passado. Ali se realizaram, por decisão de seus proprietários, diversas reuniões sociais, tais como chás, coquetéis, saraus musicais, encontros culturais de natureza vária, amplamente relatados nas colunas da imprensa local.

Com este breve relato, cumprimos hoje o dever de trazer à lembrança dos niteroienses alguns traços da personalidade da ilustre dama que durante tantos anos foi a alma viva do histórico palacete.

Lúcia Piza Figueira de Mello Falkenberg é descendente de tradicional família paulista, tendo se consorciado com o Dr. Egon Falkenberg de quem enviuvou. Nosso conhecimento data dos anos 70, motivado por nossa curiosidade em obter dados familiares sobre o cientista dinamarquês Peter Wilhem Lund, antepassado do Dr. Egon pelo lado materno.

Esse relacionamento casual deu-nos o ensejo de admirar o trabalho que D. Lúcia vinha desenvolvendo em atividades ligadas à defesa do patrimônio cultural e artístico do Estado de São Paulo, onde integrou o Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico (CONDEPHAAT), do qual foi a primeira Presidente, atuando também no Instituto Histórico e Geográfico Guarujá-Bertioga com o louvável empenho de proteger, restaurar, e divulgar os importantes sítios do litoral vicentino em que surgiram os primeiros marcos da colonização iniciada por Martim Afonso de Souza, no início do Séc. XVI. Graças aos esforços de D. Lúcia, foram objeto de acurados estudos e preservação os sítios de Cananéia, Iguape, Iporanga e Xiririca, todos localizados no vale do Rio Ribeira, dos quais, por sua iniciativa, nos deu o bem documentado livro **Encantos, Lendas Mitos e Curiosidades das Cidades Históricas Paulistas**, em edição de 1982. Foi incansável Presidente do Instituto Histórico e Geográfico Guarujá-Bertioga, fundado em 1958, em cuja revista núm. 11 podemos admirar, na capa, uma vista do Forte São João de Bertioga, declarado Monumento Nacional e magnificamente restaurado.

Residindo ora em S. Paulo ora em Niterói, nesta última cidade senhoreava no Solar do Jambeiro, de que fizemos alusão no início desta crônica. Com seu espírito irrequieto e seu reconhecido dinamismo, também aqui em Niterói D. Lúcia não parou de se dedicar às atividades culturais, aproveitando seu talento para valorizar o magnífico solar da família, uma relíquia arquitetônica de invulgar significação, ornada e mobiliada com riqueza e bom-gosto. Incentivada e apoiada pelo marido, e contando com a boa vontade do governo do Prefeito Dr. Waldenir de Bragança, nos anos 80, D. Lúcia criou a Sociedade Pró- Memória de Niterói, visando abrir o palacete à visitação do público, com um programa inteligentemente voltado para o turismo cultural, com diversas realizações, tais como visitas guiadas, reuniões literárias, saraus musicais, chás, encenações teatrais ao ar livre no belo jardim do Solar, etc, etc. Esse

programa foi executado à risca durante vários anos, somente terminando com a morte do Dr. Egon e o afastamento de D. Lúcia por motivos de saúde. Nós tivemos o prazer de assistir a muitos desses eventos e, em nosso livro *Perfis e Lembranças*, de 1993, fizemos um pequeno relato de um recital de harpa ocorrido no Solar do Jambeiro.

Agora, com a triste notícia da morte de D. Lúcia Falkenberg, cabe-nos louvar as qualidades morais e intelectuais da saudosa amiga, cujo infausto desaparecimento deixa Niterói empobrecida, pois também aqui ela batalhou, aliando-se a todas as iniciativas que representavam proteção, apoio e divulgação das nossas riquezas culturais. Pertenceu ao extinto Conselho Municipal de Cultura, era Sócia Honorária do Instituto Histórico de Niterói e estava sempre presente em todas as manifestações da cultura de nossa cidade. Soubemos que D. Lúcia chegou a ser convidada para integrar o Conselho de Belas Artes, não se concretizando sua indicação por ter adoecido, transferindo sua residência nos últimos meses para São Paulo.

A essa grande lutadora das boas causas em prol da valorização de nosso patrimônio cultural, queremos testemunhar nosso preito de saudosa admiração.

Apesar de tombado pelo IPHAN, tememos pelo destino que poderá vir a ter o magnífico palacete que foi do casal Egon/Lúcia Falkenberg, cuja construção data de 1872; completará, portanto, 125 anos ostentando, impávido, o belo e grandioso jambeiro - origem de seu nome - além de um bem conservado jardim onde florescem inúmeros espécimes da flora brasileira, com destaque para a coleção de orquídeas que faziam o orgulho dos proprietários desse oásis de tranqüilidade no centro do velho bairro de São Domingos.